



## Direção do JB decide suspender coluna de Alberto Dines

A partir deste sábado os leitores do Jornal do Brasil não contarão mais com a coluna assinada pelo jornalista Alberto Dines. A decisão de suspender o espaço foi tomada nesta sexta-feira (11/6) pelo presidente do conselho editorial do jornal, José Antonio Nascimento Brito.

A decisão é uma resposta direta ao artigo intitulado *A imprensa sob custódia*, publicado por Dines em seu Observatório da Imprensa. No texto, o jornalista critica a cobertura feita pelo JB em relação à omissão do governo do estado para enfrentar a rebelião que ocorreu na Casa de Custódia de Benfica.

### Leia o artigo de Alberto Dines

#### OMISSÃO & VIOLÊNCIA NO RIO

##### A imprensa sob custódia

O ideal de Maquiavel é um Príncipe que não precisa prestar satisfações aos súditos. Hoje, quando governantes se calam é sinal de que não estão sendo pressionados a se manifestar. E esta pressão só pode ser exercida pela imprensa.

Se o casal governador do Rio de Janeiro adotou a tática da omissão durante quatro dias para enfrentar a calamidade na Casa de Custódia de Benfica, cabia à imprensa fazer um estardalhaço federal. Pior do que a mentira é o silêncio. Inverdades acabam sendo descobertas, mas o silêncio desmobiliza, desanima os cobradores, esfria indignações. Sobretudo quando a opinião pública começa a imunizar-se com a repetição.

O “comunicador” Anthony Garotinho sabia o que fazia quando desapareceu misteriosamente mal começou a calamidade em Benfica. Contava com o fim de semana, o providencial hiato inventado pelo jornalismo brasileiro, *habeas corpus* dos relapsos. Previa que se o noticiário sobre o motim iniciado no sábado não fosse alimentado no domingo, na terça-feira estaria secundarizado ou esquecido.

Garotinho errou: não imaginou a dimensão e o grau de brutalidade do massacre, o caso continuou sendo noticiado com destaque até a sexta-feira seguinte. Mas acertou nos efeitos: sem informações, a imprensa carioca não ficou suficientemente chocada com o episódio nem conseguiu chocar. Muito menos acionar os alarmes para acordar o governo federal imerso nos seus dramas de consciência.

Isso não significa que *O Dia* e *O Globo*, os principais jornais da cidade, tenham escondido a cobertura. Acompanharam o caso razoavelmente, desde a edição do domingo (30/5). Mas, o que chama a atenção do observador é que a cobertura mais contundente, mais insistente e mais dramática – portanto a mais jornalística – foi a do jornal *Extra*, do Grupo Globo, cuja circulação não se compara em termos quantitativos ou qualitativos aos dois jornalões citados.

Se esta ênfase do *Extra* fosse transferida para *O Dia* e, sobretudo, para o portentoso *Globo*, evidentemente produziria um efeito-cascata, incontrolável, com resultados bem diferentes. Inclusive



---

sobre a mídia paulista, que costuma ter mais penetração na esfera política.

Esta é a questão: se a ingovernabilidade do Rio de Janeiro transformar-se em questão nacional o casal Garotinho conseguirá manter-se impune? Um editorial curto e grosso na primeira página do *Globo*, mesmo na segunda-feira (31/5, quando já se tinha uma noção da carnificina) teria provocado um turbilhão político bem diferente da resignada reação que o episódio produziu.

### **Desmascarar governantes**

Então cabe perguntar: e o *Jornal do Brasil*?

O *JB* abdicou de fazer jornalismo. Parece jornal, tem periodicidade de jornal, tem os atributos formais de um jornal, tem uma história incorporada ao jornalismo brasileiro, mas neste momento é movido por dinâmica e prioridades diferentes das de um jornal. Pode até estar reinventando o jornalismo, mas este não é o jornalismo do qual foi um dos expoentes e continua sendo praticado pela maioria dos seus concorrentes.

Compreende-se, o *JB* está em crise. Não apenas em crise financeira mas em crise interna. Dos nove vice-presidentes que ostentava no seu expediente antes do trágico fim de semana, dois vices-presidentes jornalistas estavam demissionários desde a sexta-feira (Augusto Nunes e Cristina Konder) e o nome do terceiro foi retirado do expediente no sábado, sem o menor aviso aos leitores (Wilson Figueiredo, com 42 anos consecutivos de casa!) [veja sua entrevista reproduzida na rubrica *Entre Aspas*, nesta edição].

O *JB* tem ainda excelentes profissionais no comando da redação, mas a empresa e a diretoria esqueceram que jornalismo não é uma colagem de notícias – jornalismo é um compromisso político com a sociedade. A prova deste esquecimento está na edição de terça-feira (1º/6), quando as dimensões do massacre de Benfica já eram conhecidas inclusive pelos próprios leitores do jornal.

Neste dia crucial, o *JB* fez o balanço do caso com uma chamada insignificante na parte inferior da primeira página! Ao lado, com destaque dez vezes maior, para satisfazer o enorme contingente de *socialites* que devoram suas colunas sociais, enorme foto de uma carioca friorenta ostentando um “casaquinho básico”. Antes assim, poderia estar falando em brioches.

E, como se não bastasse, na quinta-feira (3/6) – depois da manchete correta do dia anterior, “Inquisição do tráfico mata 30 presos” – o jornal recuou acintosamente para enveredar pela linha *business* com esta pérola em oito colunas: “Rio troca imposto por segurança”.

Trata-se de mais uma pilantragem desenvolvida nos laboratórios do casal Garotinho para esconder sua dupla incompetência como responsável pela segurança pública e para atrair incautos defensores da livre iniciativa: empresas que financiarem a segurança pública terão desconto de 10% no ICMS.

Descobre-se então que esta manchete foi financiada pelos patrocinadores de um seminário organizado pelo Grupo *JB*, estrelado pela deslumbrante governadora Rosinha e convertido no sábado seguinte num caderno especial.

Seria injusto acusar unicamente o *Jornal do Brasil*: *O Dia* também dá sinais de que não deseja



embaraçar o projeto político do casal Garotinho, sobretudo depois das desavenças entre duas herdeiras do falecido Ari de Carvalho, que transformaram o arquivista Ronald Levinsohn numa espécie de *publisher* informal do jornal.

*O Globo* tem vigor e garra de sobra para mostrar ao país a *débâcle* da unidade federativa onde as Organizações Roberto Marinho têm sua sede. Delegar esta tarefa ao jovem *Extra* é uma forma de relegar a catástrofe carioca à esfera paroquial.

Não apenas na invasão do Iraque mas também em Benfica comprovou-se que a imprensa é crucial para desmascarar governantes. Ou para servir inocentemente aos seus ignóbeis propósitos.

**Date Created**

11/06/2004